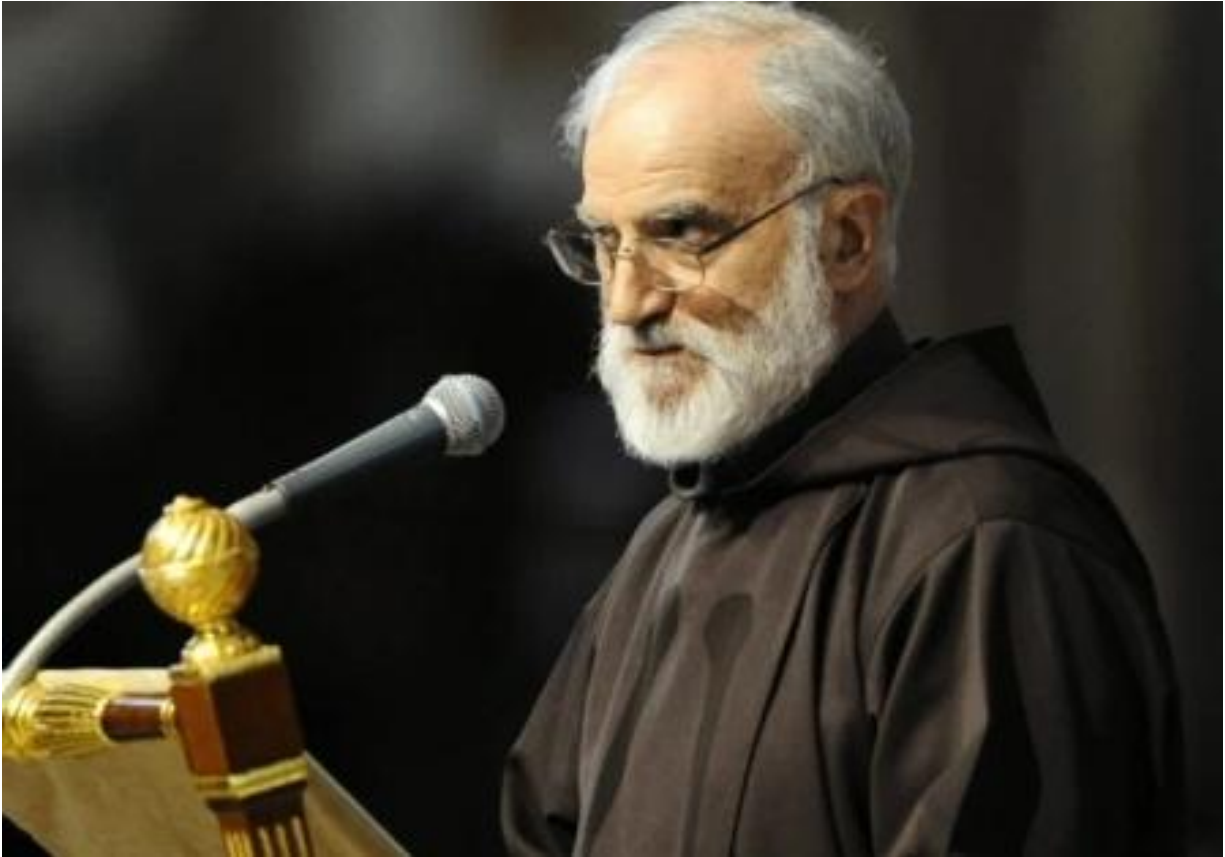


PREGAÇÕES DO ADVENTO

**Pelo pregador da Casa Pontifícia
Fr. Raniero Cantalamessa, OFMCap.**



2018



Fr. Raniero Cantalamessa, OFM Cap.

Fonte
pilulasliturgicas.blogspot

PRIMEIRA PREGAÇÃO

DEUS EXISTE!

Introdução

Na Igreja estamos tão pressionados por tarefas a executar, problemas a resolver, desafios a superar, que corremos o risco de perder de vista, ou deixar para trás, o *porro unum necessarium* do Evangelho, que é a nossa relação pessoal com Deus e com Cristo. Acima de tudo, sabemos por experiência que uma relação pessoal genuína com Deus é a primeira condição para enfrentar todas as situações e problemas que surgem, sem perder a paz e a paciência.

Por isso pensei, Veneráveis Padres, irmãos e irmãs, deixar de lado todos os outros temas e todas as referências a problemas atuais. Vamos tentar fazer o que santa Ângela de Foligno recomendava aos seus filhos espirituais: “reunir-nos em unidade e mergulhar a nossa alma no infinito que é Deus”. Tomar um banho matinal de fé, antes de começar o dia de trabalho.

O tema destas homilias de Advento (e, se Deus quiser, também de Quaresma) será o versículo do Salmo: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 41,3). Os homens do nosso tempo são apaixonados por procurar sinais da existência de seres vivos e inteligentes noutros planetas. É uma busca legítima e compreensível, embora bastante incerta. Poucos, porém, procuram e estudam os sinais do Ser vivo que criou o universo, que nele entrou, na sua história, e nele vive. “Nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28), e não nos damos conta. Temos a Vida real no meio de nós e negligenciamo-la para procurar seres vivos hipotéticos que, na melhor das hipóteses, pouco poderiam fazer por nós; certamente não nos salvariam da morte.

Quantas vezes somos obrigados a dizer a Deus, com Santo Agostinho: “Estavas comigo, mas eu não estava contigo”. De facto, ao contrário de nós, o Deus vivo procura-nos. É isso que Ele faz desde a criação do mundo.

Continua a dizer: “Adão, onde estás?” (Gn 3,9). Pretendemos captar os sinais deste Deus vivo, responder ao seu chamamento, “bater à sua porta”, para entrar num contacto novo, vivo, com Ele.

Apoiamo-nos na palavra de Jesus: “Procurai e encontrareis. Batei e ser-vos-á aberto” (Mt 7,7). Quando alguém lê estas palavras, pensa imediatamente que Jesus promete dar-nos todas as coisas que Lhe pedimos, e ficamos perplexos porque vemos que isso raramente acontece. No entanto, Ele quis dizer sobretudo uma coisa: “Procurai-Me e encontrar-Me-eis, batei e Eu vos abrirei”. Ele promete dar-Se a si mesmo, muito para além das coisas triviais que Lhe pedimos, e essa promessa é sempre infalivelmente cumprida. Quem O procura, encontra-O; quem bate, Ele abre; e, uma vez encontrado, todo o resto passa para segundo plano.

A alma que tem sede do Deus vivo encontrá-Lo-á infalivelmente e, com Ele e n’Ele, encontrará tudo, como nos recordam as palavras de Santa Teresa de Ávila: “Nada te perturbe, Nada te espante, Tudo passa, Deus não muda, A paciência tudo alcança; Quem a Deus tem, Nada lhe falta: Só Deus basta”. Com estes sentimentos, começamos a nossa caminhada de busca do rosto do Deus vivo.

Retornar às coisas!

A Bíblia está cheia de textos que falam de Deus como “o vivente”. “Ele é o Deus vivo”, diz Jeremias (Jr 10,10); “Eu sou o vivente”, diz o próprio Deus em Ezequiel (Ez 33,11). Num dos mais belos salmos do saltério, escrito durante o exílio, o orante exclama: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 41,3). E ainda: “O meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo” (Sl 83,3). Pedro, em Cesareia de Filipe, proclamou Jesus “Filho do Deus vivo” (Mt 16,16).

Evidentemente, trata-se de uma metáfora tirada da experiência humana. Israel serviu-se dela para distinguir o seu Deus dos ídolos dos outros povos, que são divindades “mortas”. Em contraste com eles, o Deus da Bíblia é “um Deus que respira”, e a sua respiração ou sopro (*ruah*) é o Espírito Santo.

Depois do longo predomínio do idealismo e do triunfo da “ideia”, em tempos mais próximos de nós, até o pensamento secular sentiu a necessidade de um regresso à “realidade” e exprimiu-o no grito programático: “Retornar às coisas!”. Ou seja: não ficar nas formulações dadas da realidade, nas teorias construídas, naquilo que habitualmente se pensa sobre ela, mas olhar diretamente para a própria realidade que está na base de tudo; remover as várias camadas de terra acumulada e descobrir a rocha subjacente.

Também devemos aplicar este programa ao campo da fé. Sobre a fé, de facto, santo Tomás de Aquino escreveu que “não termina nos enunciados, mas nas coisas”. Quando se trata da “coisa” suprema no contexto da fé, isto é, de Deus, “voltar às coisas” significa regressar ao Deus vivo; romper, por assim dizer, a terrível parede da ideia que fizemos d’Ele e correr, de braços abertos, ao encontro de Deus em pessoa. Descobrir que Deus não é uma abstração, mas uma realidade; que entre as nossas ideias de Deus e o Deus vivo existe a mesma diferença que entre um céu pintado numa folha de papel e o céu verdadeiro.

O programa: “Retornar às coisas!” teve uma aplicação justamente célebre: a que levou à descoberta de que as coisas... existem. Vale a pena reler a famosa página de Sartre:

“Eu estava no jardim público. A raiz da castanheira afundava no chão, mesmo debaixo do meu banco. Já não me lembrava de que era uma raiz. As palavras tinham desaparecido e, com elas, o significado das coisas, os modos do seu uso, os leves sinais de reconhecimento que os homens traçaram na sua superfície [...] E então tive um relâmpago de iluminação. Fiquei sem fôlego. Nunca antes destes últimos tempos tinha pressentido o que quer dizer ‘existir’ [...] Normalmente, a existência está escondida: está aí à nossa volta, somos nós, não podemos dizer duas palavras sem falar dela e, no entanto, não a tocamos... E então, eis que: de repente, estava ali, clara como o dia: a existência tinha-se subitamente revelado”.

O filósofo que fez esta “descoberta” declarava-se ateu; por isso não foi além da constatação de que eu existo, de que o mundo existe, de que as coisas existem. Nós, porém, podemos partir desta experiência e utilizá-la como trampolim para a descoberta de outro Existente, a centelha que torna

possível uma outra iluminação. O que foi possível com a raiz da castanheira, por que não haveria de ser possível com Deus? Será Deus, para a mente do homem, menos real do que a raiz da castanheira o é para o seu olhar? Os Padres não hesitavam em pôr ao serviço da fé as intuições de verdade presentes nos filósofos pagãos, mesmo daqueles cuja autoridade era deliberadamente invocada contra os cristãos. Devemos imitá-los e fazer o mesmo no nosso tempo.

Que podemos, então, retirar da “iluminação” daquele filósofo? Nenhuma aplicação direta, ou de conteúdo, mas apenas uma indireta e de método. Lida com uma certa disposição interior favorecida pela graça, aquela história parece feita de propósito para nos sacudir, para despertar em nós primeiro a suspeita, depois a certeza, de que existe um conhecimento de Deus que ainda nos é desconhecido. Que, talvez, até agora, nunca tenhamos compreendido o que significa dizer que Deus “existe”, que Ele é um Deus-existente ou, como diz a Bíblia, um Deus vivo. Que, portanto, temos diante de nós uma tarefa, uma descoberta a fazer: descobrir que Deus “existe”, a ponto de, também nós, por um momento, ficarmos sem fôlego! Seria a aventura da vida.

Ajuda-nos a compreender do que se trata a experiência de certos convertidos, a quem a existência de Deus se revelou subitamente, em algum momento da vida, depois de a terem ignorado ou negado tenazmente. Um deles foi o jornalista francês André Frossard, falecido a 2 de fevereiro de 1995. Assim descreve ele a sua vida antes da conversão:

“Deus não existia. A sua imagem, as imagens em geral que evocam a sua existência ou aquilo que poderia chamar-se a sua descendência histórica — os santos, os profetas, os heróis da Bíblia — nunca tinham estado em nossa casa. Ninguém nos falava d’Ele. Éramos ateus perfeitos, daqueles que já não fazem perguntas sobre o seu ateísmo. Os últimos anticlericais que ainda se atiravam contra a religião em reuniões públicas pareciam-nos patéticos e um pouco ridículos, como historiadores empenhados em refutar a história do Capuchinho Vermelho”.

Num dia de verão, cansado de esperar pelo amigo com quem tinha um encontro, o jovem Frossard entra na igreja próxima, observa a sua

arquitetura e olha para as pessoas que ali rezam. E assim narra o que aconteceu:

“No início, estas palavras são-me sugeridas: ‘Vida espiritual’. Não pronunciadas, nem sequer formadas por mim: ouvidas como se tivessem sido pronunciadas ao meu lado, num sussurro, por alguém que vê o que eu ainda não vejo. A última sílaba desse prelúdio sussurrado toca o fio da minha consciência, que começa a desabar de cabeça para baixo. [...] Como descrever isto com estas pobres palavras? Um outro mundo, com tal esplendor e densidade, que faz o nosso parecer sombras frágeis de sonhos possíveis. Este mundo é a realidade, a verdade: vejo-o a partir da margem obscura à qual ainda estou preso. Há uma ordem no universo e, no cimo, para além deste brilhante véu de neblina, a evidência de Deus, a evidência feita presença e a evidência feita pessoa daquele que eu antes negara [...] A sua irrupção total, transbordante, vem acompanhada de uma alegria que não é outra senão a exultação dos salvos”. Ao sair da igreja, o amigo, vendo que algo tinha acontecido, pergunta-lhe: “O que se passou?” — Ele responde: “Sou católico” e, como se receasse não ter sido suficientemente explícito, acrescenta: “apostólico e romano”.

A expressão que, na nossa língua, melhor exprime este acontecimento é: dar-se conta de Deus. “Dar-se conta” indica uma súbita abertura dos olhos, um sobressalto da consciência; e então começamos a ver algo que já lá estava antes, mas que não víamos.

Tentemos reler, na onda da “iluminação” descrita por Sartre, o episódio da sarça ardente. Isso ajudar-nos-á, entre outras coisas, a ver como até o pensamento “existencial” moderno pode ajudar-nos a descobrir, na Bíblia, algo de novo, que o pensamento antigo, todo orientado em sentido ontológico, mesmo com toda a sua riqueza, não foi capaz de captar.

A página da Bíblia que fala da sarça ardente (Ex 3,1ss) é, ela própria, uma sarça ardente. Arde, mas não se consome. Depois de milhares de anos, não perdeu nada do seu poder de transmitir o sentido do divino. Isto mostra, melhor do que qualquer discurso, o que acontece quando realmente se encontra o Deus vivo. “Moisés pensou: ‘quero aproximar-me...’”. Ainda pensa e quer. É senhor de si; é ele que conduz (ou julga conduzir) o jogo. Mas eis que o divino irrompe com o seu ser e impõe a sua lei. “Moisés,

Moisés! Não te aproximes. Eu sou o Deus de teu pai”. Tudo muda de repente. Moisés torna-se subitamente dócil e submisso. “Aqui estou!”, responde, e cobre o rosto, como os Serafins cobriam os olhos com as asas (cf. Is 6,2). O “numinoso” está no ar. Moisés entra no mistério.

Neste clima, Deus revela o seu nome: “Eu sou Aquele que sou”. Transposta para o contexto cultural helenístico, já com a Septuaginta, esta palavra foi interpretada como uma definição do que Deus é, o Ser absoluto, como afirmação da sua essência mais profunda. Mas tal interpretação, dizem os exegetas, está “totalmente desligada do modo de pensar do Antigo Testamento”. A frase significa, pelo contrário: “Eu sou Aquele que está”; ou, mais simplesmente ainda: “Eu estou aqui (ou estarei) por vós!”. É uma declaração concreta, não abstrata, que se refere mais à existência de Deus do que à sua essência, mais ao seu “estar próximo” do que ao “o que é”. Não estamos longe do “Eu vivo”, “Eu sou o vivente”, que Deus afirma noutras passagens da Bíblia.

Naquele dia, portanto, Moisés descobriu algo muito simples, mas capaz de pôr em movimento e sustentar todo o processo de libertação que se seguirá. Descobriu que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó existe, é uma realidade presente e atuante na história, alguém com quem se pode contar. E era precisamente isto que Moisés precisava de saber naquele momento, não uma definição abstrata de Deus.

Há algo que une a experiência do filósofo diante da raiz da castanheira e a de Moisés diante da sarça ardente. Ambos descobrem o mistério do ser: o primeiro, o ser das coisas; o segundo, o Ser de Deus. Mas, enquanto descobrir que Deus existe é fonte de coragem e de alegria, descobrir apenas que as coisas existem produz, segundo esse mesmo filósofo, “náusea”.

Deus, sentimento de uma presença

Que significa e como se define o Deus vivo? Por um momento, cultivei o propósito de responder a essa pergunta traçando um perfil do Deus vivo a partir da Bíblia, mas depois percebi que teria sido uma grande loucura. Querer descrever o Deus vivo, delinear um perfil, mesmo fundamentando-

se na Bíblia, é recair na tentativa de reduzir o Deus vivo à ideia do Deus vivo.

O que podemos fazer, mesmo em relação ao Deus vivo, é ir além dos “sinais subtis de reconhecimento que os homens traçaram sobre a sua superfície”, quebrar as pequenas conchas das nossas ideias de Deus, ou os “vasos de alabastro” onde o mantemos encerrado, para que o seu perfume se difunda e “encham a casa”. Santo Agostinho ensina-nos muito a este respeito. O santo deixou-nos uma espécie de método para nos elevarmos, com o coração e a mente, ao Deus vivo e verdadeiro. Consiste em repetir para nós mesmos, após cada reflexão sobre Deus: “Mas Deus não é isso, mas Deus não é isso!”. Pensa na terra, pensa no céu, pensa nos anjos ou em qualquer coisa ou pessoa; pensa, finalmente, naquilo que tu próprio pensas de Deus, e repete sempre: “Sim, mas Deus não é isso, Deus não é isso!”. “Procurai acima de nós”, respondem, uma a uma, todas as criaturas interrogadas. Precisamos de acreditar num Deus que está para além do Deus em quem acreditamos!

É possível intuir o Deus vivo, enquanto vivo, de forma muito vaga, ter uma espécie de suspeita ou pressentimento. Pode-se despertar o desejo d’Ele, a nostalgia. Não mais do que isso. Não se pode encerrar a vida numa ideia. Por isso é mais fácil ter d’Ele o sentimento, ou o pressentimento, do que a ideia, porque a ideia circunscreve a pessoa, enquanto o sentimento revela a sua presença, deixando-a na sua totalidade e indeterminação. São Gregório de Nissa fala da forma mais alta de conhecimento de Deus como de um “sentimento de presença”.

O divino é uma categoria absolutamente diversa de qualquer outra, que não pode ser definida, mas apenas insinuada; só se pode falar d’Ele por analogias e oposições. Uma imagem que, na Bíblia, nos fala assim de Deus é a da rocha. Poucos títulos bíblicos são capazes de suscitar em nós um sentimento tão vivo de Deus — sobretudo do que Deus é para nós — como este do Deus-rocha. Procuremos também nós saborear, como diz a Escritura, “mel da rocha” (cf. Dt 32,13).

Mais do que um simples título, “rocha” aparece na Bíblia como uma espécie de nome próprio de Deus, a ponto de, por vezes, ser escrito com letra maiúscula. “Ele é a Rocha, e a sua obra é perfeita” (Dt 32,4); “O

Senhor é uma rocha eterna” (Is 26,4). Mas, para que esta imagem não nos inspire medo e reverência pela dureza e impenetrabilidade que evoca, a Bíblia acrescenta imediatamente outra verdade: Ele é a “nossa” rocha, a “minha” rocha. Ou seja, uma rocha para nós, não contra nós. “O Senhor é a minha rocha” (Sl 18,3), a “rocha da minha defesa” (Sl 31,4), a “rocha da nossa salvação” (Sl 95,1).

Os primeiros tradutores da Bíblia, os Setenta, ficaram desconcertados diante de uma imagem tão material de Deus, que parecia rebaixá-Lo, e substituíram sistematicamente o concreto “rocha” por abstrações como “força”, “refúgio”, “salvação”. Mas, com razão, todas as traduções modernas restituíram a Deus o título original de rocha.

“Rocha” não é um título abstrato; não diz apenas o que Deus é, mas também o que nós devemos ser. A rocha é feita para ser escalada, para nela se procurar refúgio, não apenas para ser contemplada de longe. A rocha atrai, apaixona. Se Deus é rocha, o homem deve tornar-se um “alpinista”. Jesus dizia: “Aprendei com o dono da casa”; “Olhai os pescadores”; São Tiago continua: “Olhai para os agricultores”. Nós podemos acrescentar: “Olhai para os alpinistas!”. Se cai a noite ou surge uma tempestade, eles não cometem a imprudência de tentar descer, mas agarram-se ainda mais à rocha e esperam que a tempestade passe.

A insistência da Bíblia no Deus-rocha visa incutir confiança na criatura, afastando o medo do seu coração. “Por isso não tememos, ainda que a terra vacile e as montanhas se abalem no seio do mar”, diz um salmo; e a razão que apresenta é: “A nossa fortaleza é o Deus de Jacó” (Sl 46,3.8).

Deus existe e isso basta!

O primeiro biógrafo de São Francisco de Assis, Tomás de Celano, descreve um período de escuridão e quase desespero que o santo viveu no final da sua vida, por causa dos desvios que via à sua volta relativamente ao estilo de vida primitivo dos seus frades.

Incomodado — escreve — pelos maus exemplos, e tendo recorrido um dia, muito amargurado, à oração, sentiu-se tratado desta forma pelo Senhor:

“Porque te perturbas tu, pequeno homem? Acaso te constituí pastor da minha Ordem de tal modo que esqueceste que eu continuo a ser o seu principal protetor? [...] Não te preocupes, portanto, mas espera a tua salvação, porque, mesmo que a Ordem se reduzisse a apenas três frades, a minha ajuda permanecerá sempre firme”.

O estudioso franciscano francês Pe. Éloi Leclerc, que melhor do que ninguém ilustra esta fase conturbada da vida de Francisco, diz que o santo ficou de tal modo reconfortado pelas palavras de Cristo que repetia para si mesmo uma exclamação: “*Dieu est, et cela suffit*”. “Francisco, Deus existe e isso basta! Deus existe e isso basta!”.

Aprendamos também nós a repetir estas simples palavras quando, na Igreja ou na nossa vida, nos encontramos em situações semelhantes às de Francisco, e muitas nuvens se dissiparão.

SEGUNDA PREGAÇÃO

O DEUS VIVO É A VIVA TRINDADE

Uma experiência do Deus vivo

Quando se trata do Deus vivo, uma experiência vale mais do que muitos argumentos, e eu gostaria de começar esta segunda meditação precisamente com uma experiência. Há algum tempo, recebi a carta de uma pessoa que eu acompanhava espiritualmente, uma mulher casada e viúva, já falecida. A autenticidade das suas experiências é confirmada pelo facto de as ter levado consigo para o túmulo, sem nunca falar com ninguém, exceto com o seu diretor espiritual. Mas todas as graças pertencem à Igreja e, por isso, quero partilhá-la convosco, agora que ela está com Deus. Fez-me recordar a experiência de Moisés diante da sarça ardente. Dizia:

Querido padre, quero partilhar consigo uma recordação da minha infância que nunca contei a ninguém. Ainda não tinha quatro anos e estava no campo com a minha avó. Certa manhã, enquanto esperava no meu quarto que me viessem vestir, olhava para uma grande tília que estendia os ramos diante da janela. O sol nascente iluminava-a de frente. Estava encantada com a sua beleza, quando, de repente, a minha atenção foi atraída por um esplendor invulgar, um branco extraordinário. Cada folha, cada ramo começou a vibrar como chamas de mil velas. Fiquei mais maravilhada do que quando vi cair a primeira neve da minha vida. E a minha surpresa aumentou quando — não sei se com os olhos do corpo ou não — no centro de todo aquele fulgor vi como um olhar e um sorriso de uma beleza e de uma benevolência indescritíveis. O meu coração batia descontroladamente; senti aquele poder de amor penetrar-me e tive a sensação de ser amada até ao mais íntimo do meu ser. Durou um minuto, um minuto e meio, não sei; para mim foi uma eternidade. Fui trazida de volta à realidade por um arrepio de frio que percorreu o meu corpo e, com grande tristeza, percebi que o olhar e o sorriso tinham desaparecido e que, pouco a pouco, o esplendor da árvore se extinguia. As folhas retomaram o seu aspeto comum e a tília, embora banhada pela luz radiante de um sol de verão, comparada

com o seu esplendor anterior, parecia-me, para minha grande desilusão, escura como sob um céu chuvoso.

Nunca falei a ninguém deste acontecimento, mas, pouco tempo depois, ouvi a cozinheira e outra mulher conversarem sobre Deus. Reagi e perguntei: “Deus? Quem é?”, intuindo algo de misterioso. “Pobrezinha”, disse a cozinheira à outra mulher, “a avó é pagã e não lhe ensina essas coisas! Deus — disse diante de mim — é aquele que fez o céu e a terra, os homens e os animais. Ele é onnipotente e mora no céu”. Fiquei em silêncio, mas disse para comigo: “É Ele que eu vi!”. E, no entanto, estava muito confusa. Aos meus olhos, a minha avó estava muito acima dessas mulheres de serviço; contudo, a cozinheira dissera que ela era pagã porque não conhecia Deus, e eu compreendi que se tratava de um termo depreciativo. Quem tinha razão?

Certa manhã, esperava novamente que me viessem vestir. Estava impaciente e lamentava o facto de os meus vestidos de menina se abotoarem atrás. Punha a culpa de tudo na “maldade dos grandes para com os pequenos que estão sob o seu poder”. Por fim, não esperei mais e disse: “Deus, se existes e és verdadeiramente onnipotente, abotoa-me o vestido nas costas para que eu possa ir para o jardim”. Ainda não tinha terminado de pronunciar estas palavras e o meu vestido estava abotoado. Fiquei atónita, aterrorizada com o efeito das minhas palavras. As minhas pernas tremiam; sentei-me diante do espelho do guarda-fato para verificar se era verdade e para recuperar o fôlego. Ainda não sabia o que significava a expressão “tentar a Deus”, mas compreendia que seria reduzida a pó se me opusesse à sua vontade.

Estava habituada a viver sozinha, mas agora tinha Deus a olhar para mim. Sentia o seu olhar invisível pousado sobre mim, com uma ternura paternal na qual não podia enganar-me. Era um pai que podia tudo, que tinha tudo para mim e que tinha criado todas as belezas da natureza que me rodeavam. O meu coração enchia-se de alegria”.

Deus é amor e por isso é Trindade

Continuemos agora a nossa reflexão sobre o Deus vivo. A quem recorremos nós, cristãos, quando pronunciamos a palavra “Deus”, sem qualquer outra especificação? A quem se refere esse “tu” quando, com as palavras do salmo, dizemos: “Ó Deus, tu és o meu Deus” (Sl 63,2)? Quem responde, por assim dizer, do outro lado da linha? Esse “tu” não é simplesmente Deus Pai, a primeira pessoa divina, como se existisse ou fosse pensável, ainda que por um instante, sem as outras duas. Nem é sequer a essência divina indeterminada, como se houvesse uma essência divina que só depois se especificaria em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

O único Deus, aquele que na Bíblia diz: “Eu Sou!”, é o Pai que gera o Filho e que, com Ele, expira o Espírito, comunicando-lhes toda a sua divindade. É o Deus-comunhão de amor, no qual unidade e trindade procedem da mesma raiz e do mesmo ato e formam uma triunidade, na qual nenhuma das duas realidades — unidade e pluralidade — precede a outra, nem existe sem a outra; nenhum dos dois níveis é superior ao outro ou mais “profundo” que o outro.

Esse “tu” ao qual nos dirigimos na oração pode, conforme as circunstâncias e a graça de cada um, ser uma das três pessoas divinas em particular: o Pai, o Filho Jesus Cristo ou o Espírito Santo, sem que se perca a totalidade. Na comunhão trinitária, com efeito, em cada pessoa divina estão presentes as outras duas. A Trindade é como um daqueles triângulos musicais que, de qualquer lado que se toque, vibra por inteiro e produz o mesmo som.

Em conclusão, o Deus vivo dos cristãos só pode ser a Trindade viva. A doutrina da Trindade está contida, em síntese, na revelação de Deus como amor. Dizer: “Deus é amor” (1Jo 4,8) é dizer: Deus é Trindade. Todo o amor implica um amante, um amado e o amor que os une. Todo o amor é amor de alguém ou de alguma coisa; não existe um amor “vazio”, sem objeto. Mas quem ama Deus, para que Ele seja chamado amor? O homem? Então seria amor apenas desde há algumas centenas de milhões de anos. O universo? Então seria amor apenas desde há algumas dezenas de milhar de milhões de anos. E antes disso, quem amava Deus para que Ele fosse amor?

Os pensadores gregos e, em geral, as filosofias religiosas de todos os tempos, concebendo Deus sobretudo como “pensamento”, poderiam

responder: Deus pensava-Se a Si mesmo; era “puro pensamento”, “pensamento de pensamento”. Mas isso já não é possível a partir do momento em que se afirma que Deus é, antes de mais, amor, porque o “amor puro de si mesmo” seria puro egoísmo, que não é a suprema exaltação do amor, mas a sua negação total. E aqui está a resposta da revelação, explicitada pela Igreja: Deus é amor desde sempre, *ab aeterno*, porque, antes mesmo de existir um objeto fora de Si para amar, tinha em Si o Verbo, o Filho, a quem amava com amor infinito, isto é, “no Espírito Santo”.

Isto não explica “como” a unidade possa ser simultaneamente trindade; trata-se de um mistério incognoscível para nós, porque pertence unicamente a Deus. Ajuda-nos, porém, a compreender “por que”, em Deus, a unidade deve ser também pluralidade: porque “Deus é amor”! Um Deus que fosse puro conhecimento, ou pura lei, ou puro poder, certamente não precisaria de ser trino. Isso complicaria bastante as coisas e, de facto, nenhum “triunvirato” jamais durou muito tempo na história! Não é assim com um Deus que é, antes de mais, amor, porque “com menos de dois não pode haver amor”. “É necessário — escreveu Henri de Lubac — que o mundo saiba: a revelação de Deus como amor abala tudo o que antes se tinha concebido acerca da divindade” [1]. Nós, cristãos, acreditamos “num só Deus”, não num Deus solitário!

Contemplar a Trindade para superar a odiosa divisão do mundo [2]

Nenhum tratado sobre a Trindade é capaz de nos pôr em contacto vivo com ela como a contemplação do ícone da Trindade de Rublev, do qual vemos uma reprodução em mosaico diante de nós, no alto da parede oposta. Pintado em 1425 para a Igreja de São Sérgio, o ícone foi declarado, pelo “Concílio dos Cem Capítulos” de 1551, modelo de todas as representações da Trindade.

Uma coisa deve ser notada imediatamente nesta imagem. Ela não pretende representar diretamente a Trindade, que, por definição, é invisível e inefável. Isso teria sido contrário a todos os cânones da iconografia bizantina. Diretamente, representa a cena dos três anjos que apareceram a Abraão no carvalho de Mambré (Gn 18,1-15); isso é claramente

demonstrado pelo facto de, noutras pinturas do mesmo tema, anteriores e posteriores a Rublev, aparecerem também Abraão, Sara, o novilho e, ao fundo, o carvalho. Esta cena, porém, à luz da tradição patrística, é lida como uma prefiguração da Trindade. O ícone é uma das formas que assume a leitura espiritual da Bíblia, isto é, a interpretação de um acontecimento do Antigo Testamento à luz do Novo.

O dogma da unidade e trindade de Deus é expresso no ícone de Rublev pelo facto de as figuras presentes serem três e bem distintas, mas muito semelhantes entre si. Estão idealmente contidas dentro de um círculo que sublinha a sua unidade, enquanto o movimento diverso, sobretudo da cabeça, proclama a sua distinção. As três vestem, no original, uma túnica azul, sinal da natureza divina que têm em comum; mas, por cima ou por baixo, cada uma tem uma cor que a distingue das outras. O Pai (geralmente identificado com o anjo à esquerda, para quem as outras duas pessoas inclinam a cabeça) tem um manto de cor indefinível, quase feito de pura luz, sinal da sua invisibilidade e inacessibilidade; o Filho, no centro, veste uma túnica escura, sinal da humanidade que assumiu; o Espírito Santo, o anjo à direita, usa um manto verde, sinal da vida, sendo Ele “aquele que dá a vida”.

Acima de tudo, uma coisa impressiona ao contemplar o ícone de Rublev: a paz profunda e a unidade que emanam do conjunto. Do ícone desprende-se um grito silencioso: “Sejam um, como nós somos um”. São Sérgio de Radonej, para cujo mosteiro o ícone foi pintado, distinguiu-se na história da Rússia por ter promovido a unidade entre os chefes em conflito e, assim, tornado possível a libertação da Rússia dos tártaros. O seu lema era: “Contemplando a Santíssima Trindade, vencer a odiosa discórdia deste mundo”. Rublev quis reunir a herança espiritual do grande santo, que tinha feito da Trindade a fonte inspiradora da sua vida e do seu trabalho.

Desta visão da Trindade, recolhemos o apelo à unidade

Todos nós queremos a unidade. Depois da palavra felicidade, não há outra que corresponda a uma necessidade igualmente profunda do coração humano como a palavra unidade. Somos “seres finitos, capazes de infinito”, e isso significa que somos criaturas limitadas que aspiram a ultrapassar o

seu limite, a ser “de algum modo tudo”, *quodammodo omnia*, como diz a filosofia. Não nos contentamos em ser apenas o que somos. Quem não se recorda, nos anos da juventude, de momentos de intensa necessidade de unidade, quando se desejava que todo o universo estivesse concentrado num só ponto e que nós estivéssemos, com todos os outros, nesse único ponto, de tal modo que o sentimento de separação e de solidão no mundo se tornava doloroso? São Tomás de Aquino explica tudo isto dizendo: “Porque a unidade (*unum*) é um princípio do ser, como a bondade (*bonum*), segue-se que todos desejam naturalmente a unidade, como desejam o bem. Por essa razão, como o amor ou o desejo do bem causa sofrimento, assim também o amor ou o desejo da unidade” [3].

Todos queremos, portanto, a unidade; todos a desejamos do fundo do coração. Porque é então tão difícil realizá-la, se a desejamos com tanta intensidade? É que queremos, sim, a unidade, mas... em torno do nosso ponto de vista. Parece-nos tão evidente, tão razoável, que ficamos surpreendidos por os outros não o compreenderem e insistirem, por vezes, nas suas próprias posições. Projetamos facilmente o caminho que os outros deveriam percorrer para chegar onde nós chegámos. O problema é que o outro, diante de mim, está a fazer exatamente o mesmo comigo. Assim, nenhuma unidade é alcançada. Segue-se, deste modo, o caminho oposto.

A Trindade mostra-nos o verdadeiro caminho para a unidade. Partindo das pessoas divinas, e não do conceito de natureza, os orientais viram-se obrigados a assegurar de outra forma a unidade divina. Fizeram-no elaborando a doutrina da pericorese. Aplicada à Trindade, a pericorese (literalmente, mútua compenetração) exprime a união das três pessoas na única essência [4]. Graças a ela, as três pessoas estão unidas sem se confundirem; cada pessoa “habita” na outra, dá-se à outra e faz ser a outra. O conceito fundamenta-se nas palavras de Cristo: “Eu estou no Pai e o Pai está em mim”.

Jesus estendeu este princípio à relação entre Ele e nós: “Eu estou no Pai, e vós em mim e Eu em vós” (Jo 14,20); “Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade” (Jo 17,23). O caminho para a verdadeira unidade consiste em imitar entre nós, na Igreja, a pericorese divina. São Paulo indica o seu fundamento ao dizer que “somos membros uns dos

outros” (Rm 12,5). Em Deus, a pericorese funda-se na unidade da natureza; em nós, no facto de sermos “um só corpo e um só espírito”.

O apóstolo ajuda-nos a compreender o que significa, na prática, viver entre nós a pericorese, a mútua compenetração: “Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; e se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele” (1Cor 12,26); “Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2). As “cargas” dos outros são as doenças, os limites, as cruzes, mas também os defeitos e os pecados. Viver a pericorese significa “identificar-se” com o outro, procurando colocar-se, como se diz, no seu lugar, procurando compreender antes de julgar.

As três pessoas divinas estão constantemente empenhadas em glorificar-se umas às outras. O Pai glorifica o Filho; o Filho glorifica o Pai (Jo 17,4); o Paráclito glorificará o Filho (Jo 16,14). Cada pessoa dá-se a conhecer tornando a outra conhecida. O Filho ensina a clamar: “Abba!”; o Espírito Santo ensina a proclamar: “Jesus é o Senhor!” e “Vem, Senhor”, *Maranatha*. Não ensinam a pronunciar o próprio nome, mas o das outras pessoas. Há apenas um “lugar” no mundo onde a regra “amarás o próximo como a ti mesmo” é vivida em sentido absoluto, e esse lugar é a Trindade! Cada pessoa divina ama a outra exatamente como a si mesma.

Quão diferente é o ambiente que se respira quando, num corpo social, há o esforço de viver com estes ideais sublimes diante dos olhos! Pensemos numa família em que o marido defende e exalta a sua esposa diante dos filhos e dos outros, e a esposa faz o mesmo em relação ao marido; pensemos numa comunidade em que se procura pôr em prática a recomendação de São Tiago: “Não faleis mal uns dos outros, irmãos” (Tg 4,11), ou a de São Paulo: “Adiantai-vos uns aos outros na estima recíproca” (Rm 12,10). Nesse ritmo, chegar-se-ia até a alegrar-se pela nomeação de outra pessoa estimada para um cargo de honra (por exemplo, o cardinalato), como se fosse a própria pessoa a ser nomeada.

Mas deixemos que os santos falem destas coisas, pois são os únicos que têm o direito de o fazer, porque as vivem. Numa das suas admoestações, São Francisco de Assis diz: “Bem-aventurado o servo que não se envaidece

pelo bem que o Senhor diz e faz por meio dele, mas pelo bem que diz e faz por meio de outro” [5]. Santo Agostinho dizia ao povo:

“Se amas a unidade, tudo o que alguém possui nela também é teu! Afasta a inveja e será teu tudo o que é meu; e, se eu afastar a inveja, será meu tudo o que possuis. A inveja divide, a caridade une... Só a mão age no corpo; contudo, não age apenas para si, mas também para o olho. Se um golpe se dirige não à mão, mas ao rosto, dirá a mão: ‘Não me movo porque não me atinge?’” [6].

Quer dizer: se te esforças por colocar o bem da comunidade acima da tua afirmação pessoal, todo o carisma e toda a honra presentes nela serão teus, como numa família unida, onde o sucesso de um membro alegra todos. É por isso que a caridade é “o melhor caminho de todos” (1Cor 12,31): ela multiplica os carismas, faz do carisma de um o carisma de todos. Sei que estas coisas são muito fáceis de dizer, mas difíceis de pôr em prática; é bom, contudo, saber que, com a graça de Deus, são possíveis, e que algumas almas as realizaram — e continuam a realizá-las também por nós na Igreja.

Contemplar a Trindade ajuda verdadeiramente a vencer “a odiosa discórdia do mundo”. O primeiro milagre que o Espírito realizou no Pentecostes foi fazer com que os discípulos estivessem “de acordo” (At 1,14), “um só coração e uma só alma” (At 4,32). Ele está sempre pronto a repetir esse milagre, transformando a discórdia em concórdia. Podemos estar divididos na mente, no que cada um pensa sobre questões doutrinárias ou pastorais ainda legitimamente debatidas na Igreja, mas nunca divididos no coração: *In dubiis libertas, in omnibus vero caritas*. Isto significa, precisamente, imitar a unidade da Trindade: ela é, de facto, “unidade na diversidade”.

Entrar na Trindade

Há algo ainda mais belo que podemos fazer em relação à Trindade do que contemplá-la e imitá-la: é entrar nela! Não podemos abraçar o oceano, mas podemos entrar nele; não podemos abarcar com a mente o mistério da Trindade, mas podemos entrar nele. Cristo deixou-nos um meio concreto

para o fazer: a Eucaristia. No ícone de Rublev, os três anjos estão dispostos em círculo em torno de uma mesa; sobre essa mesa há uma taça e, dentro dela, vê-se um cordeiro. Não poderíamos dizer de forma mais simples e mais eficaz que a Trindade tem encontro marcado connosco, todos os dias, na Eucaristia. O banquete de Abraão junto ao carvalho de Mambré é figura deste banquete. A visita dos três a Abraão renova-se para nós cada vez que nos aproximamos da comunhão.

Também aqui, isto é, a propósito da Eucaristia, é iluminadora a doutrina da pericorese trinitária. Ela diz-nos que onde está uma pessoa da Trindade, estão também as outras duas, inseparavelmente unidas. No momento da comunhão realiza-se, em sentido pleno, a palavra de Cristo: “Eu neles e tu em mim”. “Quem Me vê, vê o Pai”; quem Me recebe, recebe o Pai. Nunca conseguiremos apreciar plenamente a graça que nos é oferecida: tornamo-nos comensais da Trindade!

São Cirilo de Alexandria formulou esta verdade com o rigor teológico habitual, que liga indissoluvelmente Trindade e Eucaristia. Diz: “Somos unidos a Deus Pai por meio de Cristo. Recebendo, de facto, em nós, corporal e espiritualmente, Aquele que o Filho é por natureza, tornamo-nos participantes e consortes de toda a natureza suprema” [7].

A mesma pessoa cujo testemunho recordei no início confiou-me, noutra ocasião, a sua experiência da Trindade. Permito-me partilhá-la convosco, porque também esta, como todas as graças, pertence à Igreja. Dizia:

“Na outra noite, o Espírito introduziu-me no mistério do amor trinitário. O fascinante intercâmbio do dar e receber passava também por mim: de Cristo, a quem eu estava unida, para o Pai, e do Pai para o Filho. Mas como exprimir o inexprimível? Eu não via nada, mas era muito mais do que ver, e as minhas palavras são impotentes para traduzir este intercâmbio no júbilo, que se respondia, se lançava, recebia e se doava. E desse intercâmbio fluía uma vida intensa de Um para o Outro, como um leite morno que flui do seio da mãe para a boca da criança ligada a esse bem-estar. E eu era essa criança, era toda a criação que participa da vida, do reino, da glória, tendo sido regenerada por Cristo. Ó Santa e viva Trindade! Fiquei como que fora de mim durante dois ou três dias, e ainda hoje esta experiência permanece profundamente gravada em mim”.

A Trindade não é apenas um mistério e um artigo da nossa fé; é uma realidade viva e palpitante. Como disse no início, o Deus vivo da Bíblia que procuramos não é outro senão a Trindade viva.

NOTAS

[1] H. de Lubac, *Histoire et Esprit*, Aubier, Paris 1950, cap. 5.

[2] Reproduzo aqui, em parte, o que escrevi no meu livro *Contemplando la Trinità*, Ancora, Milão 2002, pp. 7 ss.

[3] S. Tomás, *S. Th.* I-IIae, q. 26, a. 3.

[4] Cf. Ps. Cirilo Alexandrino, *De Trinitate*, 23; PG 77, 1164B; S. João Damasceno, *De fide orthodoxa*, 3,7.

[5] S. Francisco, *Admonição XVII* (FF, 166).

[6] S. Agostinho, *Tratados sobre o Evangelho de João*, 32,8.

[7] S. Cirilo de Alexandria, *Comentário ao Evangelho de João*, XI, 12 (PG 74, 564).

TERCEIRA PREGAÇÃO

"NINGUÉM JAMAIS VIU A DEUS"

“O Deus vivo é a Trindade viva”, afirmámos da última vez. Mas nós estamos no tempo e Deus está na eternidade. Como superar essa “infinita diferença qualitativa”? Como lançar uma ponte sobre um abismo tão infinito? A resposta está na solenidade que nos preparamos para celebrar: “O Verbo fez-Se carne e veio habitar no meio de nós”.

Entre nós e Deus — escreveu o grande teólogo bizantino Nicolau Cabasilas — erguiam-se três muros de separação: o da natureza, porque Deus é espírito e nós somos carne; o do pecado; o da morte. O primeiro desses muros foi derrubado na encarnação, quando a natureza humana e a natureza divina se uniram na pessoa de Cristo; o muro do pecado foi derrubado na cruz e o da morte na ressurreição. Jesus Cristo é agora o lugar definitivo do encontro entre o Deus vivo e o homem vivo. Nele, o Deus distante tornou-Se próximo, o Emanuel, o Deus connosco.

O caminho de busca do Deus vivo que empreendemos neste Advento teve um precedente ilustre: o *“Itinerarium mentis in Deum”* de São Boaventura. Como filósofo e teólogo especulativo, ele identifica sete passos pelos quais a alma ascende ao conhecimento de Deus. São:

A visão de Deus através dos seus vestígios no universo.
A contemplação de Deus nos seus vestígios neste mundo sensível.
A contemplação de Deus através da sua imagem impressa nas faculdades naturais.
A contemplação de Deus na sua imagem renovada pelos dons da graça.
A visão da beatíssima Trindade no seu nome, isto é, o bem.
O arrebatamento místico da alma, no qual o trabalho do intelecto cessa enquanto o amor penetra inteiramente em Deus.

Depois de analisar os diversos meios que temos para nos elevar ao conhecimento do Deus vivo e os “lugares” onde podemos encontrá-Lo — a criação, os seus vestígios no mundo sensível, nas faculdades naturais, na

sua imagem impressa em nós, na contemplação da unidade e trindade de Deus — São Boaventura chega à conclusão de que o meio definitivo, infalível e suficiente é a pessoa de Jesus Cristo. Assim conclui o seu tratado:

Agora, à alma resta apenas ultrapassar tudo isso pela contemplação, ir além do mundo sensível e até além de si mesma. Nesta passagem, Cristo é caminho e porta. Cristo é escada e veículo, como propiciatório colocado sobre a arca de Deus e sacramento escondido ao longo dos séculos.

O filósofo Blaise Pascal, no seu célebre *Mémorial*, chega à mesma conclusão: o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob “só se encontra pelos caminhos ensinados no Evangelho”. A razão é simples: Jesus Cristo é “o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). A Carta aos Hebreus fundamenta nisso a novidade do Novo Testamento:

“Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, que constituiu herdeiro de todas as coisas, por quem também fez o mundo” (Hb 1,1-2).

O Deus vivo já não nos fala através de um intermediário, mas pessoalmente, porque o Filho “é resplendor da sua glória e imagem da sua substância” (Hb 1,3). Isto do ponto de vista ontológico e objetivo. Do ponto de vista existencial, ou subjetivo, a grande novidade é que já não é o homem que, “às apalpadelas” (At 17,27), vai em busca do Deus vivo; é o Deus vivo que desce em busca do homem, até habitar no seu próprio coração. É aí que, a partir de agora, pode ser encontrado e adorado em espírito e verdade: “Se alguém Me ama — diz Jesus — guardará a minha palavra; meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23).

“Ninguém vem ao Pai a não ser por mim”

Quem se apoiou nesta verdade — isto é, que Jesus Cristo é o supremo revelador do Deus vivo e o “lugar” onde se entra em contacto com Ele — foi o evangelista João. Contamos com ele para nos ajudar a fazer da busca

do Deus vivo algo mais do que uma simples “busca”: uma verdadeira “experiência” d’Ele, não apenas um conhecimento, mas um “sentimento” vivo.

Para não perder a força e o imediatismo do seu testemunho inspirado, evitamos impor qualquer esquema interpretativo aos textos. Limitemo-nos a reler as palavras mais explícitas em que o próprio Jesus se apresenta como o revelador definitivo de Deus. Cada uma dessas palavras é capaz, por si só, de nos conduzir à beira do mistério e de nos fazer entrever um horizonte infinito.

João 1,18: “Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem O deu a conhecer”. Para compreender o alcance destas palavras, é preciso referi-las a toda a tradição bíblica segundo a qual Deus não pode ser visto sem que o homem morra. Basta ler Êxodo 33,18-20: “Moisés disse: ‘Mostra-me a tua glória’. E Deus respondeu: ‘Farei passar diante de ti toda a minha bondade e proclamarei diante de ti o nome do Senhor. Concedo a minha graça a quem quero e uso de misericórdia com quem me apraz. Mas — acrescentou o Senhor — não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-Me e continuar a viver’”.

Existe um abismo tal entre a santidade de Deus e a indignidade do homem que este deveria morrer ao ver Deus ou mesmo ao ouvi-Lo. Por isso, Moisés (cf. Ex 3,6) e também os serafins (Is 6,2) cobrem o rosto diante de Deus. Permanecer vivo depois de ver Deus provoca uma surpresa cheia de gratidão (Gn 32,31). É um favor raro que Deus concede a Moisés (Ex 33,11) e a Elias (1Rs 19,11s.), os dois que, de forma significativa, serão admitidos no Tabor para contemplar a glória de Cristo.

João 10,30: “Eu e o Pai somos um”. Talvez seja a afirmação mais densa de mistério em todo o Novo Testamento. Jesus Cristo não é apenas o revelador do Deus vivo: Ele é o próprio Deus vivo! O revelador e a revelação são a mesma pessoa. A reflexão da Igreja partirá desta afirmação para chegar à fé plena e explícita no dogma trinitário. Aquilo que traduzimos por “um” é um substantivo neutro (*en* em grego, *unum* em latim). Se Jesus tivesse usado o masculino (*heis*, *unus*), a conclusão seria que Pai e Filho são uma só pessoa, e a doutrina da Trindade ficaria excluída desde a raiz. Ao dizer *unum*, isto é, “uma só coisa”, os Padres deduzirão

corretamente que Pai e Filho (e mais tarde o Espírito Santo) têm uma mesma natureza, mas não são uma única pessoa.

João 14,6-7: “Respondeu-lhe Jesus: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim’”. Aqui é necessário deter-nos um pouco mais. “Ninguém vem ao Pai senão por mim”: lidas no contexto atual do diálogo inter-religioso, estas palavras levantam uma questão que não podemos ignorar. Que pensar de toda aquela parte da humanidade que não conhece Cristo nem o seu Evangelho? Nenhum deles chega ao Pai? Estão excluídos da mediação de Cristo e, portanto, da salvação?

Uma coisa é certa, e dela deve partir toda a teologia cristã das religiões: Cristo deu a sua vida “em resgate” e por amor de todos os homens, porque todos são criaturas do seu Pai e seus irmãos. Ele não fez distinções. A sua oferta de salvação é, sem dúvida, universal. “E quando for elevado da terra (na cruz!), atrairei todos a mim” (Jo 12,32); “Em nenhum outro há salvação, porque debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual devamos ser salvos”, proclama Pedro diante do Sinédrio (At 4,12).

Alguns, embora se professem fiéis cristãos, não conseguem admitir que um facto histórico particular, como a morte e a ressurreição de Cristo, possa ter mudado a situação de toda a humanidade diante de Deus e, por isso, substituem o acontecimento histórico por um princípio universal “impessoal”. Estes, creio eu, deveriam colocar-se outra questão: se acreditam verdadeiramente no mistério que sustenta ou faz ruir todo o cristianismo, isto é, a encarnação do Verbo e a divindade de Cristo, que, uma vez admitidas, já não tornam absurdo para a razão que um determinado ato possa ter um alcance universal. Pelo contrário, seria estranho pensar o contrário.

O maior erro, ao privar desse alcance uma grande parte da humanidade, não se comete contra Cristo ou contra a Igreja, mas contra a própria humanidade. É possível partir da afirmação de que “Cristo é a suprema, definitiva e normativa proposta de salvação feita por Deus ao mundo” sem reconhecer a todos os homens o direito de beneficiar dessa salvação?

“Mas será realista — pergunta-se — continuar a acreditar numa misteriosa presença e influência de Cristo nas religiões que existiam antes

d’Ele e que, depois de vinte séculos, não sentem necessidade de acolher o seu Evangelho?” Há, na Bíblia, um facto que pode ajudar-nos a responder a esta objecção: a humildade de Deus, o escondimento de Deus.

“Verdadeiramente, Tu és um Deus escondido, Deus de Israel, Salvador”: *Vere tu es Deus absconditus* (Is 45,15 — Vulgata). Deus é humilde ao criar. Não coloca a sua marca em tudo, como fazem os homens. Não está escrito nas criaturas que foram feitas por Deus. Foi deixado a elas descobri-lo.

Quanto tempo levou o homem a reconhecer a quem devia o seu ser, quem tinha criado para ele o céu e a terra? Quanto tempo levará ainda para que todos o reconheçam? Por isso, deixa Deus de ser o Criador de tudo? Deixa Ele de aquecer com o seu sol tanto quem O conhece como quem não O conhece? O mesmo sucede na redenção. Deus é humilde ao criar e é humilde ao salvar. Cristo preocupa-Se mais com que todos os homens sejam salvos do que com que saibam quem é o seu Salvador.

Mais do que com a salvação daqueles que não conheceram Cristo, deveríamos preocupar-nos, penso eu, com a salvação daqueles que O conheceram e viveram como se Ele nunca tivesse existido, esquecidos do seu batismo, alheios à Igreja e às práticas religiosas. Quanto à salvação dos primeiros, a Escritura assegura-nos que “Deus não faz aceção de pessoas, mas em qualquer nação é-Lhe agradável quem O teme e pratica a justiça” (At 10,34-35). Francisco de Assis, por sua vez, faz uma afirmação quase inaudita para o seu tempo: “Todo o bem que se encontra nos homens, sejam eles pagãos ou não, deve ser atribuído a Deus, fonte de todo o bem”.

O Paráclito vos ensinará toda a verdade

Falando do papel de Cristo em relação às pessoas que vivem fora da Igreja, o Concílio Vaticano II afirma que “o Espírito Santo, de modo só por Deus conhecido, oferece a todos a possibilidade de entrar em contacto com o mistério pascal de Cristo”, isto é, com a sua obra redentora (*Gaudium et spes*, 22). Chegamos assim à última etapa do nosso caminho: o Espírito Santo. No final da sua vida terrena, Jesus dizia:

“Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, Ele vos guiará para a

verdade plena, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir e vos anunciará as coisas futuras. Ele Me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. Tudo o que o Pai possui é meu. Por isso disse: receberá do que é meu e vo-lo anunciará” (Jo 16,12-15).

No Espírito Santo é ainda Jesus quem continua a revelar-nos o Pai, porque o Espírito Santo é agora o Espírito do Ressuscitado, o Espírito que prolonga e aplica a obra do Jesus terreno. Logo após as palavras que acabámos de citar, Jesus acrescenta: “Disse-vos estas coisas em linguagem figurada. Vem a hora em que já não vos falarei por meio de figuras, mas vos falarei abertamente do Pai”. Quando poderá Jesus falar abertamente aos discípulos do Pai, se estas foram das últimas palavras que pronunciou em vida e logo depois morrerá na cruz? Fá-lo-á precisamente através do Espírito Santo que enviará do Pai.

São Gregório de Nissa escreveu: “Se retirarmos de Deus o Espírito Santo, o que resta já não é o Deus vivo, mas o seu cadáver”. É o próprio Jesus quem explica a razão disso: “O Espírito é que dá a vida, a carne de nada serve” (Jo 6,63). Aplicado ao nosso caso, isso significa: é o Espírito que dá vida à ideia de Deus e à busca de Deus. A razão humana, marcada pelo pecado, não basta por si só. O homem que se dispõe a falar de Deus, sob qualquer forma, se é crente, deve recordar que “ninguém conhece o que há em Deus senão o Espírito de Deus” (1Cor 2,11).

O Espírito Santo é o verdadeiro “ambiente vital”, o *Sitz im Leben*, no qual nasce e se desenvolve toda a autêntica teologia cristã. É o espaço invisível onde se pode perceber a passagem de Deus e onde o próprio Deus aparece como realidade viva e atuante. O Deus vivo, ao contrário dos ídolos, é um “Deus que respira”, e o Espírito Santo é o seu sopro. Isto é válido também em relação a Cristo. “No Espírito Santo” designa aquele âmbito misterioso no qual, após a sua ressurreição, é possível entrar em contacto com Cristo e experimentar a sua ação santificadora. Ele agora vive “no Espírito” (Rm 1,4; 1Pd 3,18). O Espírito Santo é, na história, “o sopro do Senhor ressuscitado”.

O grande circuito entre Deus e o homem não se fecha, e o súbito lampejo de luz só se produz dentro desse “campo magnético” especial que é o Espírito do Deus vivo. É Ele quem cria, no íntimo do homem, aquele

estado de graça no qual, um dia, se chega à grande “iluminação”: descobre-se que Deus existe, é real, até “perder o fôlego”.

Aos que procuram Deus noutro lugar, apenas nas páginas dos livros ou nos raciocínios humanos, é preciso repetir o que o anjo disse às mulheres: “Porque buscais entre os mortos Aquele que está vivo?” (Lc 24,5). Do Espírito Santo — escreve São Basílio — depende “a familiaridade com Deus”. Depende, isto é, se Deus nos é familiar ou, pelo contrário, estranho; se somos sensíveis ou, pelo contrário, insensíveis à sua realidade.

O remédio é, portanto, redescobrir um contacto cada vez mais pleno com a realidade — e mais ainda, com a pessoa — do Espírito Santo. Não nos contentarmos sequer com uma pneumatologia renovada, isto é, com uma teologia do Espírito, mas aspirar a fazer também uma experiência pessoal d’Ele. Milhões de cristãos do nosso tempo fizeram uma experiência forte do novo Pentecostes desejado por São João XXIII. Eis como um dos primeiros a viver essa experiência, na Igreja Católica, descreve os seus efeitos a um amigo:

“A nossa fé tornou-se viva; a nossa crença tornou-se uma espécie de conhecimento. De repente, o sobrenatural tornou-se mais real do que o natural. Em suma, Jesus é para nós uma pessoa viva. Tenta abrir o Novo Testamento e lê-lo como se fosse literalmente verdadeiro agora, cada palavra, cada linha. A oração e os sacramentos tornaram-se verdadeiramente o nosso pão de cada dia, e não práticas piedosas genéricas. Um amor pelas Escrituras que eu nunca teria acreditado possível, uma transformação das nossas relações com os outros, uma necessidade e uma força para testemunhar para além de todas as expectativas: tudo isso passou a fazer parte da nossa vida. A experiência inicial do batismo no Espírito não nos deu uma emoção externa particular, mas a vida ficou impregnada de calma, confiança, alegria e paz”.

“E o Verbo fez-Se carne”

Uma meditação sobre o papel de Cristo como revelador único do Deus vivo não pode concluir-se mais dignamente do que recitando juntos o Prólogo de João. Não como um texto do Evangelho a ser comentado — isso

faremos no dia de Natal — mas como um hino de louvor que brota agora do nosso coração para a glória da Santíssima Trindade. Que uma porção tão representativa da Igreja, num lugar como este, proclame a sua fé absoluta em Cristo, Filho de Deus e luz do mundo, tem um valor salvífico. Num ato de fé como este, Cristo fundou a sua Igreja e prometeu que “as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Recitemos juntos, de pé, com o coração cheio de admiração e gratidão:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. No princípio, Ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio d’Ele, e sem Ele nada foi feito do que existe. N’Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a acolheram [...]. Ele era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por meio d’Ele; mas o mundo não O reconheceu. Veio para o que era seu, e os seus não O receberam. Mas a todos os que O receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que acreditam no seu nome; estes não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que recebe do Pai como Filho unigénito, cheio de graça e de verdade [...]. Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigénito, que está no seio do Pai, foi Ele quem O deu a conhecer.

Santo Padre, Veneráveis Padres, irmãos e irmãs, Feliz Natal!